

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA • ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O ILUMINISMO LUSO-BRASILEIRO



IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

DISCURSO DO PRESIDENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Sei agradecer os bons momentos. E este encontro é um deles: nossos dois países, nossas duas Academias, nossa língua o proporcionam. Testemunhamos, agora, o enlace de interesses que são partilhados aquém e além-mar.

Digo «aquém» aqui, no ponto de partida para o outro encontro, aquele realizado pela esquadra cabralina que avistaria ervas, sinais de terra, aves chamadas «fura-buchos» e logo o monte redondo, despontando de grande e verde arvoredado. Era o oitavário da Páscoa de 1500, passagem vencida do Atlântico pela «frol daquela mancebia jovem», como disse João de Barros da gente embarcada no Restelo. Que terra seria aquela? Nem africana, nem indiana, terra d'além-mar, a terra que teve «diploma lavrado à beira do berço de uma nacionalidade futura», na expressão do nosso Capistrano de Abreu a referir-se à Carta de Caminha.

No tempo em que, nele mesmo, tempo, e no espaço, Portugal fez crescer o mundo, somente a palavra escrita daria conta de tal sucesso. Um navio levou a notícia ao reino. E, prossegue Capistrano, «dois degredados, deixados na terra, ficaram na praia chorando». Custa imaginar que «saudades», a pérola do nosso vernáculo, tenha sido a palavra dita e redita, entre muitas lágrimas, pelos que fizeram a língua portuguesa aportar num Brasil ainda sem nome?

Quinhentos e seis anos depois, a palavra, semente da linguagem humana é a credencial que nos identifica e promove, pela primeira vez na história, a união de nossas Academias. A Academia das Ciências de Lisboa tem seus estatutos aprovados em 1779, pleno século do Iluminismo, que será o tema deste encontro. A Academia Brasileira de Letras os tem lavrados em 1897. Quase equidistante das duas datas, 1839 é a do nascimento de Machado de Assis.

No mestre da literatura brasileira, que teve como querida e maior interlocutora a portuguesa Carolina Xavier de Novaes, encontramos o

primeiro desenho dos trabalhos académicos: a casa recém-nascida deveria coligir, *se possível*, «alguns elementos do vocabulário crítico dos brasileirismos entrados na língua portuguesa e das diferenças no modo de falar e escrever dos dois povos». Obedece esse programa a dispositivo regimental. Como a outra tarefa — dar andamento ao anuário bibliográfico —, a que diz respeito à língua portuguesa pede «diuturnidade paciente», pois exige:

Não só pesquisa grande e compassada atenção, mas muita crítica também. As novas formas da língua, ou pela composição de vocábulos, filhos dos usos e costumes americanos, ou pela modificação de sentido original, ou ainda por alterações gráficas, serão matérias de útil e porfiado estudo. [...] A Academia, trabalhando pelo conhecimento desses fenómenos, buscará ser, com o tempo, a guarda da nossa língua. Caber-lhe-á então defendê-la daquilo que não venha de fontes legítimas — o povo e os escritores, — não confundindo a moda que perece com o moderno que vivifica.

Imagino Machado deitando sua fina escrita no papel, ou quiçá Carolina que lhe tomava alguns ditados, a redigir estes preceitos tão válidos quanto actuais. Imagino, também, que entre os guardados do remanso do Cosme Velho, onde ambos viveram e morreram, houvesse uma página anterior, estampada em *O Novo Mundo — New York*. É de 1873:

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século quinhentos é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito, a influência do povo é decisiva.

Tudo isso sustenta o dispositivo primeiro dos Estatutos assinados por Machado de Assis e companheiros em 28 de Janeiro de 1897: a Academia Brasileira de Letras «tem por fim a cultura da língua e da literatura nacional».

Para nós, que viemos de lá, estar em Portugal é estar fora da geografia do Brasil; não é estar fora da vida do Brasil. Afinal, cá se canta:

*Que é das tuas falas doces
Oh! Rosa!
Tirana!
Que me davas algum dia?*

E lá, no remoto Jequitinhonha das Minas Gerais, alguém responde:

*Subi no pé da roseira,
Ô rosa, tirana,
Para ver se te avistava,
Ô rosa,
Cada rosa que se abria,
Ô rosa, tirana,
Cada suspiro que eu dava,
Ô rosa...*

A reunião conjunta das nossas Academias é o resultado de uma ideia a serviço da reflexão em comum. Haverá de ser distinto momento de nossas relações no plano cultural, mas na condição de comunidade activa e não apenas de contemplação.

Temos prazer em estar aqui.

Quero dizer, como dizem os caboclos do meu chão nordestino-brasileiro, pelo começo. Falei na Carta de Pêro Vaz de Caminha como nossa certidão de nascimento, feita no cartório improvisado das naus e sob a jurisdição de D. Manuel. Mas a Carta de Pêro Vaz de Caminha também é o nosso baptismo literário. Pela primeira vez as cores tropicais do Brasil e sua gente são descritas. Recordando esse documento inaugural, não apenas comemoramos o encontro da civilização portuguesa com os nativos e a terra do Brasil, mas comemoramos mais de quinhentos anos de literatura brasileira.

Não alimento a controvérsia se a literatura brasileira começa com Gregório de Matos, com os nossos árcades ou com o nosso Romantismo?

Essa é uma discussão académica que fica para outra hora e para quem sabe mais do que eu.

O que não se pode negar é que a Carta regista e narra competentemente a saga de navegadores chegando ao Novo Mundo. E de forma deliciosa, brejeira, até com a graça do toque tropical.

Caminha tem os olhos de um prosador que quer ver um paraíso, espécie de admirável mundo novo, naquelas terras de fascínio. Ali está, não apenas como tabelião do Novo Mundo, mas também como cronista literário do sémen dessa civilização morena que irá se construir.

Somos herdeiros não apenas da língua que usamos como intercurso social e idioma oficial do país. Somos herdeiros, junto com a língua, das tradições, usos e costumes, da civilização portuguesa e, bem compreendemos, uma certa *voluptas dolendi* de sua criação literária. Logo, legatários

ÍNDICE DIDASCÁLICO

Discurso do Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vinícius Vilaça	5-11
História e cultura nas relações entre o Brasil e Portugal, por Mário Soares	13-26
Projecções do iluminismo, por Eduardo Portella	27-31
A creoulização política do iluminismo, por Adriano Moreira	33-39
Iluminismo luso-brasileiro?, por António Braz Teixeira	41-52
Portugal e Brasil entre a ilustração e o iluminismo, por Sérgio Paulo Rouanet	53-65
Alguns aspectos da educação das crianças e jovens, no tempo das «Luzes» — O caso português, por Fernando Cristóvão	67-80
Os iluministas e a escravidão, por Alberto da Costa e Silva	81-89
Tentativas de introdução da tipografia no Brasil, por António Valdemar	91-102
Discurso do Vice-Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Eduardo R. Arantes e Oliveira	103-109
Os poetas da inconfidência, escolares de Coimbra, por Aníbal Pinto de Castro	111-127

ÍNDICE ONOMÁSTICO

ADRIANO MOREIRA:	
<i>A creoulização política do iluminismo</i>	33-39
ALBERTO DA COSTA E SILVA:	
<i>Os iluministas e a escravidão</i>	81-89
ANÍBAL PINTO DE CASTRO:	
<i>Os poetas da inconfidência, escolares de Coimbra</i>	111-127
ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA:	
<i>Iluminismo luso-brasileiro?</i>	41-52
ANTÓNIO VALDEMAR:	
<i>Tentativas de introdução da tipografia no Brasil</i>	91-102
EDUARDO PORTELLA:	
<i>Projecções do iluminismo</i>	27-31
EDUARDO R. ARANTES E OLIVEIRA:	
<i>Discurso</i>	103-109
FERNANDO CRISTÓVÃO:	
<i>Alguns aspectos da educação das crianças e jovens, no tempo das «Luzes» — O caso português</i>	67-80
MARCOS VINÍCIOS VILAÇA:	
<i>Discurso</i>	5-11
MÁRIO SOARES:	
<i>História e cultura nas relações entre o Brasil e Portugal</i>	13-26
SÉRGIO PAULO ROUANET:	
<i>Portugal e Brasil entre a ilustração e o iluminismo</i>	53-65